



SEMPRE OS AMIGOS DE INFÂNCIA

Estes dias atrás minha esposa encontrou-me estressado e questionou-me sobre quais eram os meus amigos durante minha infância. Não respondi prontamente, afinal tive que pensar muito para conseguir me lembrar. E, realmente, não consegui me lembrar da forma que ela provavelmente gostaria que eu me lembrasse e assim tivemos uma longa conversa.

- Eu não tinha amigos. – respondi à ela.
- Como não, todos têm amigos... Você não brincava quando era criança?
- Pouco. Não tinha o costume de soltar pipa, brincar de estilingue e outras brincadeiras.
- Como não. Todo mundo brinca quando é criança. Todo mundo tem amigos. Você não brincava de esconde-esconde, queimada...?
- Não. Parece estranho mas não tinha aptidões para estas brincadeiras infantis. Uma vez ou outra me lembro que brincava com outras pessoas destas brincadeiras, mas era uma vez ou outra. Não corriqueiramente como fazem as crianças. Mas tenho que admitir que brincava bastante de futebol na rua (pelada). E sempre eram as mesmas pessoas, eu e mais três amigos.
- Então você tem amigos de infância. – afirmou ela toda convicta.
- Não necessariamente, afinal depois que atingimos certa idade, dois mudaram de bairro, teve até um que mudou de cidade. E, destes apenas um veio de vez em quando e justamente o que mudou de cidade, então, não posso dizer que realmente éramos amigos. Afinal será que hoje o seríamos? Se não trocamos cartas, e-mails ou qualquer tipo de bate-papo nestes chats da internet.
- Porque não tenta. De repente isto lhe faria melhor.
- Não temos o que discutir. E fica estranho buscar estas lembranças, tanto para mim quanto para os outros.
- Eu tenho amigos de infância. – Novamente me “cutucou” ela.
- Eu sei, mas vocês sempre mantiveram o contato e daí não tão estranho como nós. E além de tudo, mulheres possuem mais esta necessidade de manterem-se juntas. Nós homens não fazemos tanta questão.
- Mas em toda sua infância você só teve estes três amigos? – Olha ai novamente me “cutucando”.
- Amigo não tive nenhum, já disse antes. Estes foram os que mais se aproximaram desta definição. – Retruquei. – Muitos outros passaram tanto em brincadeiras de rua, quanto na escola e festas, mas tudo é passageiro e nada fica para sempre. Até mesmo as amizades se vão, como foram estas e outras.
- Você ao menos se lembra dos nomes deles?
- Não. – Disse prontamente. Talvez se fizer um esforço consiga me recordar de um ou outro, mas apenas isto. – Complementei minha afirmação.
- Me fale apenas um então. – Insistiu ela.
- Pé de Urucum.
- O que? Pé de Urucum?
- Sim, Pé de Urucum.
- Isto deve ser um “apelido” não? – Insistiu ela, achando estranha minha resposta.
- Não, é o nome mesmo.
- Mas como alguém tem um nome destes. Tá louco.



- Não é alguém, é realmente um pé de urucum ou um pé de colorau. Destes que nos dá tinta para tingimento da pele, como os índios fazem e também serve como tempero para certos tipos de comidas.

- Mas como você tinha um amigo no pé de urucum? Você é mais estranho do que pensei. Isto não tem cabimento.

- Porque não? Ele participou de minha infância por um bom tempo. Mas vou lhe falar para que não pense besteiras. Era um pé de árvore que ficava no fundo do quintal de nossa casa, após uns canteiros de verduras que minha mãe cultivava (e que eu saía vendendo nas redondezas), sempre que me sentia sozinho (e isto era quase sempre) eu ia até ele para brincar. Brincava de Tarzan em seus galhos, onde podia amarrar uma corda que servia como cipó. De seus frutos podia tingir algum pedaço de madeira ou mesmo meus carrinhos, que na época eram apenas de madeira. Podia me esconder em seus galhos e observar outras pessoas. Também no chão, junto ao seu tronco e aproveitando as sombras de seus galhos, podia fazer uma pista de carrinho e ou mesmo uma fazenda e assim ficar brincando. Quer algo mais saudável que isto? Não precisava ficar vivendo as tristezas das ruas. Eu não vejo nada de errado com isto. Não vejo que desperdicei minha infância, ao contrário, entendo que ela foi magnífica. O tempo passou e me acostumei a ignorar esta necessidade.

- Depois diz que não é estranho?

- Por quê? Se a única coisa diferente das demais crianças era que eu não me iludia com a forma de amizade que tudo se resolveria, eu sempre fui mais realista entendendo que amizade também é muito relativo e os homens sempre tentam tirar vantagens de suas amizades. Não concordo muito com isto, então penso que é melhor tentar sempre fazer o máximo possível sem depender dos outros. Concorda?

- Em partes, mas amizade sempre é necessária e nos faz bem.

- Concordo contigo, mas uma amizade é aquela que não precisa de “frescuras” para existir. Ela apenas existe e acabou. Para mim tudo o que existe é amigo e não é ao mesmo tempo. Se os homens fizessem o que é preciso fazer talvez não estivéssemos aqui discutindo isto, lembrando de coisas que se foram há muito... muito tempo.

- Não tem acordo mesmo, hein?

- Apenas esqueça isto e vamos sair juntos esta noite. Certo?...

Ela concordou e foi...

- Mas o que estamos discutindo aqui não é se eu tive amigos ou não, é porque estou nervoso, certo?

Não ouviu. Já havia saído do escritório onde estávamos conversando. As mulheres possuem esta estranha qualidade de nos fazer lembrar do que não queremos e não gostamos.

Walter Veroneze

26.01.2009